

A imagem do Brasil e a literatura brasileira na Hungria

Ferenc Pál*

RESUMO: O presente trabalho estuda as condições da recepção da literatura brasileira na Hungria. Tendo-se inteirado da existência do Brasil e obtido muitas informações deste país nos séculos XVII a XIX, o público húngaro formou uma imagem do Brasil a que a literatura, traduzida muitas vezes para servir interesses privados ou políticos, não correspondia.

PALAVRAS-CHAVE: imagem do Brasil, expectativas, exótico, recepção da literatura.

ABSTRACT: This study examines the reception of the Brazilian literature in Hungary. The Hungarian (reading) public has got a lot of information about this country during the XVII-XIXth centuries, so formed an image about Brazil what the literature, translated for serving private or political interests, doesn't suit to.

KEYWORDS: image of Brazil, expectations, exotic, reception of the literature.

Brasil e Hungria: primeiros contatos

Os húngaros, se bem que de uma forma e em condições um pouco especiais, inteiraram-se da existência do Brasil no século XVII, quando o autor da epopeia nacional húngara *Szigeti Veszedelem* (“Desgraça de Szigetvár”), Miklós Zrínyi, escritor, político e eminente militar da época, exclamou num libelo político as seguintes palavras contra a opressão turca: “Tenho notícias de que no Brasil há terras desertas em abundância, peçamos pois ao rei espanhol [sic!] uma província, façamos uma colônia tornando-nos cidadãos

* Departamento de Português, Instituto de Romanística, FL da ELTE (Faculdade de Letras da Universidade Eötvös Loránd) de Budapeste.

[daquele país]” (Zrínyi, 1661/2009).¹ Podemos supor, sem nos atrevermos a tecer proposições freudianas, que a partir de então o Brasil devia ou podia existir no subconsciente húngaro como um lugar particular, distinto.

Nos séculos posteriores houve notícias esporádicas do Brasil, em especial sobre a consequência do trabalho dos jesuítas húngaros, entre eles János Zakariás e Dávid Fáy, que participavam como missionários no levantamento topográfico e na descrição das terras brasileiras.² Um conhecimento mais intenso, no entanto, começou a difundir-se no século XIX. O Brasil e a Hungria, ou melhor o Império Austríaco, que a Hungria integrava, mantiveram contatos diplomáticos a partir de 1817,³ e nos meados dos Oitocentos já havia um contato regular entre os dois países, primeiramente por causa da emigração, que se iniciou depois da abolição do tráfico de escravos em 1850. Entre os primeiros emigrantes supostamente havia também húngaros cultos, versados na literatura, porque na década de 1850 já temos notícias do Brasil que dizem respeito a atividades de magiares. Em seu número 44, de 30 de outubro de 1859, o semanário de Budapeste *Vasárnapi Újság* informa, na seção “Tárház” (“Depósito”), que “numa antologia geral, publicada no Rio de Janeiro, acham-se onze poemas húngaros” (*Vasárnapi Újság*, 1854-1860).

Nos jornais e revistas húngaros da segunda metade do século XIX podemos ler muitas informações sobre o Brasil. Quanto à presença do Brasil e das coisas brasileiras no imaginário húngaro da época, as expectativas do público são bem ilustradas pelo mesmo semanário *Vasárnapi Újság*, cujas páginas trazem, em primeiro lugar, notícias interessantes, algumas vezes abordadas de forma científica, sobre a curiosa flora e fauna brasileiras,⁴ bem como relatos sobre viagens a esse país e nomeadamente ao Rio de Janeiro,⁵ informando que a região atrai os visitantes com a beleza da sua vegetação, mas que, na questão do urbanismo, provoca má impressão aos viajantes europeus. Além de seus aspectos exóticos, as notícias também mostram o Brasil como parceiro comercial e cultural da Hungria. Nas notícias po-

¹ “Ugy hallom Braziliában elég puszta ország vagy; kérjünk spanyol királytul egy tartományt, csináljunk egy coloniát, legyünk polgárrá.”

² É em parte resultado do seu trabalho o livro *Itinerarium peregrini philosophi, Sinis, Japone, Cicincina, Canada et Brasilia definitum*, editado em 1720 na Universidade Arquiepiscopal, em Tyrnavae, por Franciscum Szedlar e pela Sociedade de Jesus.

³ Cf. Ramirez, 1968. p. 243-244.

⁴ “Tejfa” (Árvore que dá leite) “Um relato sobre a fauna do rio Amazonas e do Rio Negro. *Vasárnapi Újság*, n. 14, 4 jun. 1854.

⁵ Andersen – Dr. Hegedűs. “Utazás a föld körül” (Viagem em torno da Terra). *Vasárnapi Újság*, n. 29, 17 set. 1854.

⁶ *Vasárnapi Újság*, n. 27, 6 set. 1857.

⁷ *Vasárnapi Újság*, n. 42, 17 out. 1858.

⁸ II. Dom Pedro braziliai császár (D. Pedro II, imperador brasileiro). *Vasárnapi Újság*, n. 47, 24 nov. 1889.

⁹ *Vasárnapi Újság*, n. 17, 29 abr. 1883.

¹⁰ “A vizi boa-kigyó” (A jibóia – serpente da água). *Hírmondó*, n. 23, p. 274, 1969.

¹¹ Uma comunicação da revista literária *Nyugat*, prestigiosa revista literária de Budapeste da primeira metade do século XX, informa que o imperador tinha em grande estima a obra de Mór Jókai. No número 5 da revista, publicado no ano de 1928, Gyula Szini fornece em “Jókai: Egy élet regénye” (“Jókai: Romance de uma vida”) a seguinte informação sobre a curiosa visita de D. Pedro a Budapeste, no início da década de 1870: “[Mór Jókai] tem amigos soberanos. Dom Pedro, o interessante imperador brasileiro, hospedou-se intencionalmente no Hotel ‘Angol királynő’, e não no apartamento oficial, condigno a um monarca, no Castelo de Buda, a fim de poder ter um contacto mais íntimo e fácil com o seu parente espiritual, o bondoso Mór Jókai.”

¹² *Vasárnapi Újság*, n. 49 a 52, dez. 1857.

demos ler informações sobre o cultivo e comércio do café, sobre o fato de que um comerciante húngaro transportou vinhos de Arad, cidade do sul da Hungria de então, para a capital do Brasil, Rio de Janeiro;⁶ também se informa que a cantora Lagrange cantou uma ária do compositor húngaro Ferenc Erkel no Teatro da Ópera do Rio de Janeiro, e que um aristocrata húngaro, László Alvinczy, morreu no Brasil.⁷

No enorme número de revistas e jornais que saíram na Hungria do último terço do século XIX, juntamente com informações de caráter político, como foi, por exemplo, o artigo de 1889 sobre a visita de Dom Pedro II à Hungria nos anos 1870,⁸ ou informações sobre a proclamação da República no Brasil e outros acontecimentos de política interior, pretendia-se satisfazer a curiosidade do público leitor em relação ao exotismo. Essa demanda pelo estranho, exótico, pitoresco, etc., satisfazem-na tanto os artigos publicados nos jornais como os livros publicados nessa época. Em um artigo no *Vasárnapi Újság*, “Egy magyar tengerész Brazíliában” (“Um marujo húngaro no Brasil”),⁹ Róthy Frigyes fala sobre o “povo estranho” que vive no Brasil, referindo-se dessa maneira à população negra, inexistente em território húngaro. Com estranhamento, também se fala na flora e fauna brasileiras. O artigo intitulado “A vizi boa-kigyó” (A jibóia – serpente da água), publicado no *Hírmondó*,¹⁰ descreve alguns animais repulsivos do Brasil.

Esta duplicidade da imagem ou dicotomia da recepção do Brasil também se observa na obra de Mór Jókai, romancista romântico de fantasia profícua, aliás escritor favorito do imperador D. Pedro II,¹¹ em cujas obras as aventuras acontecidas no Brasil e certas peripécias econômicas andam de mãos dadas. No conto do escritor intitulado *Tíz millió dollár* (“Dez milhões de dólares”), os personagens, envolvidos em aventuras rocambolescas, graças a um dono de barco brasileiro passam uma semana no Rio de Janeiro.¹² Mas, nos romances posteriores – para além de meras referências a um ou outro fenômeno curioso, como em *Az arany ember* (O homem de ouro, 1873), em que se

lê sobre um sapo luminoso que “irradia uma luz fosforescente” e “canta de noite nos interiores, [...] às vezes tão alto que sua voz suplanta a dos cantores e da orquestra na ópera” (Jókai, s/d) –, o romancista fala largamente sobre as relações comerciais entre a Austro-Hungria e o Brasil. No romance *Fekete gyémántok* (Diamantes pretos, 1870), por exemplo, escreve que “os peruanos e os brasileiros sempre pagam com prata”.¹³ E mesmo em *Az arany ember* informa que “A capital do Brasil é o Rio de Janeiro. É de lá que transportam para cá o algodão e o tabaco, lá estão as minas de diamantes mais famosas”.¹⁴ Na ficção fantástica *A jövő század regénye* (O romance do século vindouro, 1872) também se leem divagações de teor econômico: “Até não quereremos mais do que a importação do café, do algodão e do petróleo [...] incluindo a China [...] o Japão e o Brasil...”¹⁵ Em seu último romance, *Ahol a pénz nem isten* (Onde o dinheiro não é deus, 1905), aparece a frase: “A farinha era um produto húngaro, foi o pacote Adria que a transportou até o Rio de Janeiro”.¹⁶

O Brasil, alvo da emigração húngara, e com um contingente grande de emigrantes na primeira metade do século XX, tornou-se um cenário real, onde as condições de vida e de trabalho eram semelhantes às da Hungria, como afirmavam muitos livros de não ficção dessa época.¹⁷ Depois da Segunda Guerra Mundial, quando na Hungria aconteceu um câmbio de paradigma político, o Brasil, na década de 1950, tornou-se terreno de lutas políticas das forças populares contra o imperialismo e pela paz. Ao menos era assim que os órgãos políticos húngaros informavam seus leitores.¹⁸

Contudo, a exigência ou a ânsia do exótico continuava a existir por parte do público, no que dizia respeito ao Brasil. Nos anos 1930 e 1940, quando por causa do enorme número de emigrantes húngaros o Brasil entrava no dia a dia húngaro¹⁹ como um país “normal”, na ficção húngara de temática brasileira se registram ainda muitos elementos exóticos. Romances que se movem no universo das obras da literatura de cordel, como *A braziliai fenevad*

¹³ Segunda parte: “[...] a peruiak, braziliaiak mind csupa ezüsttel fizetnek...” (Jókai, s/d).

¹⁴ Primeira parte: “A senki szigete” (“Ilha de ninguém”): “Brazília fővárosa Rio de Janeiro. Onnan hozzák a gyapotot meg a dohányt, ott vannak a leghíresebb gyémántbányák” (Jókai, s/d).

¹⁵ Primeira parte: “Amíg nem terjeszkedünk többre, mint kávé, gyapot és kőolaj behozatalára [...] Kína [...] Japán és Brazília befoglalásával” (Jókai, s/d).

¹⁶ “A liszt magyarországi termény volt, Rio de Janeiroig Adria gőzös szállította” (Jókai, s/d).

¹⁷ Dezső Migend: *A braziliai aranyhegyek ámyekában* (Sob a sombra das montanhas de ouro brasileiras, Békéscsaba, 1926), Béla Bangha: *Dél-Keresztye alatt* (Sob a cruz do sul, Budapeste, 1934), Zoltán Nyisztor: *Felhőkarcolók, őserdők, hazátlanok* (Arranha-céus, selvas, apátridos, Budapeste, 1935) e Lajos Wild: *Tizenöt év Brazíliában* (Quinze anos no Brasil, Arad, Vasárnap, 1936).

¹⁸ Sobre a situação interna do Brasil saíram artigos com títulos: “Brazília vezető személyiségei az atomfegyver betiltásáért” (Principais personalidades do Brasil defendem proibição de armas nucleares, *Tartós Békéért*, n. 23, p. 4, 11 jun. 1950), “A brazil nép lelkesen támogatja a békeegyezmény megkötését követelő felhívást” (O povo brasileiro apoia com entusiasmo o apelo por celebrar o acordo pela paz, *Tartós Békéért*, n. 23, p. 2,

10 jun. 1951); "A braziliai Kommunista Ifjúsági Szövetség újjászervezése" (A reorganização das Juventudes Comunistas brasileiras, *Tartós Békéért*, n. 3, p. 11, jan. 1951), etc.

¹⁹ Cf. Boglár Lajos, 1997. O autor foi cônsul húngaro no Brasil entre 1928 e 1942.

²⁰ Budapeste, 1940.

²¹ Budapeste: Ferences Világmisszió kiadása, 1942.

²² Budapeste: Nemzeti Figyelő, 1944.

²³ Cf. Pál, 1996, p. 19-33 e Pál, 2004a, p. 11-37.

²⁴ Fazendo referência à "rivalidade" de Portugal e do Brasil, que sempre nos instiga a fazer cotejamentos, podemos mencionar que tradicionalmente, e em especial no século XIX, o Brasil estava mais representado na imprensa húngara do que Portugal, apesar de que alguns momentos da literatura portuguesa, por meio da obra e figura de Camões e de Pessoa, tenham um maior halo de conotações na Hungria. Cf. Pál, 2004c, p. 161-171.

²⁵ Cf. Pál, 2004b, p. 121.

²⁶ La force de l'âge. Em húngaro: A kor hatalma. Budapeste: Európa, 1965.

(A fera brasileira), de Tibor Magyar,²⁰ o livro de contos *Villanó fények az őserdő mélyén* (Luzes cintilantes no fundo da selva), de Mihály Witte,²¹ e o *Braziliai nagybácsi* (O tio brasileiro),²² de um tal László György, têm muito desse exotismo. Outro Brasil, de aventuras na selva, se desenha nos romances do ex-naturalista Gábor Molnár, que em 1930 viajou à selva amazônica e, depois de perder a vista num acidente, regressou à Hungria e começou a escrever ficção. O primeiro livro dele, intitulado *Kalandok a braziliai őserdőben* ("Aventuras na selva brasileira"), saiu em 1940. Nesse livro e nalguns outros que o seguiram ele não fez senão relatar o que tinha experimentado e visto naqueles dois anos que viveu no Brasil, e o fez num estilo vivo e vigoroso. Mas, com o tempo, essas experiências colhidas da realidade ficavam em segundo plano, e o ambiente brasileiro de pequenas povoações à beira da selva e dentro da selva amazônica passou a ser palco de histórias movimentadas, mescla do relato de experiências pretensamente vividas e de histórias imaginadas.

Presença da literatura brasileira na Hungria

Podemos deduzir, do panorama histórico acima traçado,²³ que o público húngaro havia muito tempo tinha tomado conhecimento do Brasil e que esse país ocupava um lugar privilegiado na consciência húngara.²⁴ Assim, lentamente passava-se a ter condições de formar do Brasil uma imagem diversificada e verídica que correspondesse à realidade do país.

Contudo, parece que há determinadas expectativas, preconceitos ou ideias fixas que orientavam e orientam o gosto do público, que prefere relacionar o Brasil com o exótico, o erotismo desenfreado ou requintado, as liberdades do carnaval e das praias do Rio de Janeiro, aventuras entre os índios e na selva...

Se dissemos em outra ocasião,²⁵ citando palavras de Simone Beauvoir, para quem "a literatura é a melhor via para se conhecer um país estrangeiro",²⁶ no caso do

Brasil havemos de acrescentar que, independentemente do valor da obra e das intenções dos editores, só foram aceitas pelo público e tiveram êxito na Hungria as obras brasileiras que satisfizeram as expectativas acima enumeradas. Esse critério talvez seja muito rigoroso e restritivo mas, se queremos ultrapassar uma simples enumeração, à maneira positivista, das obras traduzidas da literatura brasileira, que representam uma matéria morta, existente mas sem influência, temos de estudar a recepção das obras brasileiras e ver quais delas tiveram impacto no meio húngaro, partindo das ideias de Ricoeur, Gadamer ou outros teóricos que supõem alguma identificação conotativa com uma obra para fazê-la sair do âmbito do simples terreno denotativo.

As primeiras informações da literatura brasileira chegaram por via dos verbetes das enciclopédias editadas na viragem dos séculos XIX e XX. Em *A Pallas Nagy Lexikona* (A grande enciclopédia da [Editora] Pallas) ainda não se encontra uma informação sobre a literatura do país no verbete *Brazília*,²⁷ mas a alguns poetas destacados (como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e Tomás António de Gonzaga) a obra já dedica verbetes autônomos. No volume 3, de 1911, da *Révai Nagy Lexikona* (Grande enciclopédia de Révai) já se encontra um verbete em separado sobre a “literatura brasiliana” rezando que “a literatura brasiliana durante muito tempo foi apenas um ramo da literatura portuguesa e só nos últimos tempos começou a se desenvolver em rumo diferente” (*Révai Nagy Lexikona*, 1911). Nessa enciclopédia já é maior o número de autores com verbete autônomo (encontramos verbetes sobre os autores mais importantes ou renomados do Romantismo, como Macedo, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, etc.).

Nas enciclopédias posteriores, em especial nas enciclopédias de literatura universal, encontramos informações cada vez mais sofisticadas sobre a literatura brasileira, até que, na iniciativa de grande envergadura da *Világirodalmi Lexikon* (“Enciclopédia da literatura universal”), publicada

²⁷ *A Pallasz Nagy Lexikona*, v. 3.

entre 1970 e meados de 1990, figuram, além dos verbetes sobre a literatura brasileira e fenômenos literários ligados com o Brasil (como, por exemplo, o Modernismo), verbetes sobre 228 escritores brasileiros.

Tratava-se de mera informação sobre as letras brasileiras, que ainda não se fazia acompanhar de traduções de obras para efetivo conhecimento por parte do público húngaro. Assim, com relação ao modo como as letras brasileiras tornam-se de fato conhecidas na Hungria é bastante difícil identificar os fatores determinantes da expansão desse conhecimento: por um lado temos as primeiras notícias informativas; em seguida surgem as primeiras publicações de traduções que, na realidade, não são mais do que informações gerais dessa literatura, e após esse conhecimento geral surgem ou podem surgir as obras com as quais o público leitor tem já um contato mais familiar.

Parece-nos mais ou menos evidente que, até a publicação dos primeiros volumes da “Grande Enciclopédia de Révai”, quer dizer, até os anos 1910, não se traduzira obra brasileira alguma para o húngaro, dado que nessa enciclopédia não há referências a obras brasileiras publicadas em húngaro, nem encontramos em nosso trabalho de pesquisa nenhuma outra menção de obras traduzidas desse país.

A primeira obra brasileira traduzida para o húngaro, segundo podemos afirmar hoje, foi um conto de Machado de Assis, publicado em 1912 no jornal *Világ* de Budapeste, com o título *Az ápoló*.²⁸ Temos outro texto brasileiro traduzido para o húngaro, incerto quanto aos dados bibliográficos: é um conto de Ottavio Brandão, publicado no (suposto) número 1 da revista intitulada *Új Hang*, de 1931, uma revista político-literária publicada em Moscou. Essa informação aparece na “Enciclopédia da Literatura Universal”.²⁹ Infelizmente, não foi possível consultar, até o momento da redação deste artigo, o número mencionado do periódico, de forma que não temos informação sobre qual dos contos do autor figura na revista.

Por outro lado, há informações a respeito de um conto de Monteiro Lobato que saiu na revista ilustrada de lite-

²⁸ “Az ápoló” (“O enfermeiro”). *Világ*, ano III, n. 46, p. 1-2, 23 fev. 1912. Na seção de folhetim, sem indicação do nome do tradutor.

²⁹ *Világirodalmi Lexikon*, v. 1, p. 1090.

ratura e artes intitulada *Pásztortűz* (Fogueira de Pastores), editada na Transilvânia.³⁰ O conto *Az élcfaragó* (Fabricante de piadas) saiu na seção “Narradores Estrangeiros”, e foi acompanhado de uma nota que, além dos dados biográficos, oferecia uma avaliação ponderada do autor: “Monteiro Lobato é o criador da moderna literatura nacional no Brasil. Tem por objetivo fazer um contraponto à literatura francesa, e, ao mesmo tempo, revelar as enfermidades da alma brasileira...” (*Pásztortűz*, 1930, p. 391). A apresentação avaliativa do autor faz-nos supor que é trabalho de uma pessoa conhecedora da literatura brasileira e mostra a seriedade daquela revista, que reunia uma série de escritores da Transilvânia da época.

Assim, é num parecer bastante generalizado que um livro de poemas, publicado em 1939, indica o primeiro momento da difusão mais abrangente da literatura brasileira na Hungria. Trata-se da seleção intitulada *Brazília üzen* (“Mensagem do Brasil”), traduzida por Paulo Rónai.³¹ Este livrinho, que tem poemas de 25 poetas brasileiros da primeira metade do século XX, acompanhados de uma introdução que esboça o panorama da literatura (ou antes: da poesia) brasileira, é uma publicação que lança os alicerces para um conhecimento ulterior, não obstante passar quase despercebido. Afinal, os critérios da seleção dos textos já contavam, de saída, com um círculo reduzido de leitores. Paulo Rónai, no prefácio do livro, rejeitando satisfazer um gosto pelo exótico ou movido por um interesse folclórico, apresenta a poesia brasileira como manifestação “de um jovem povo com cultura, enérgico e em vias de desenvolvimento, experimentando uma vida intelectual cada vez mais profunda” (Rónai, 1939, p. 8).

Nos poemas da antologia prevalece um certo gosto ou “ar” parnasiano. Sobre a poesia de Olavo Bilac, o tradutor afirma: “Nos seus versos muito burilados, um pouco frios, falta o *couleur locale*, contudo eles contêm uma cintilação tropical indefinida” (Rónai, 1939, p. 8). A seleção deu preferência aos poemas de alto quilate poético, universalizantes, relegando ao segundo plano aqueles que em versos

³⁰ *Az élcfaragó*. In: *Pásztortűz* (Kolozsvár/Cluj), ano XVI, n. 17, p. 391-393, 24 ago. 1930. Sem nome completo do tradutor, indicado apenas com a abreviação: Szys.

³¹ Para os poucos que não conheçam seu nome, informamos que Paulo Rónai (1907-1992) é um literato húngaro que em 1940 trasladou-se para o Brasil como bolsista do governo brasileiro e nesta sua nova pátria desenvolveu variada atividade como tradutor, crítico e historiador de literatura.

³² Notamos, por outro lado, uma falta total de poemas da primeira fase do movimento modernista, que, parece, não correspondiam ao gosto do selecionador. Essa mesma antipatia pela literatura da vanguarda e/ou experimental também se nota, muito mais tarde, na sua colaboração para a *Enciclopédia da literatura universal*, na qual, por exemplo, não aparecem os representantes da poesia concreta, etc. Não sejamos, contudo, injustos com Paulo Rónai: em seu prefácio, ele fala sobre as dificuldades de obter livros do Brasil: pode ser que simplesmente não tivesse à mão todas as obras necessárias para uma antologia equilibrada.

³³ É com estas palavras que o texto termina: “Agora desde escrivatinhas brasileiras, mãos brancas ou negras batem o sinal tranquilizador, dizendo que estão de guarda; e da Europa maltratada bate-se a resposta: ‘Obrigado!’” (Bálint, 1939a, p. 7)

³⁴ Bálint, 1939b, p. 31.

³⁵ Para os leitores mais sagazes, que pensam descobrir uma incongruência de datas, assinalamos que o publicista pôde ler as traduções de Paulo Rónai antes da publicação do livro *Mensagem do Brasil*, em agosto de 1939, porque o tradutor publicara algumas delas em diferentes revistas, anteriormente.

desiguais e livres apresentavam cores e tons mais ásperos, mais modernos, como, por exemplo, os que Ronald de Carvalho escreveu a respeito do Brasil.³² Assim, dos 33 poemas do livro, reunidos em quatro pequenos ciclos, só oito do ciclo “Descobrimiento do Brasil” evocam ambientes tipicamente brasileiros.

Julgando-se objetivamente, pode-se dizer que tal princípio de escolha e apresentação dos poemas resultou do gosto intelectual urbano daquele momento. É essa mesma voz universal, e não as peculiaridades exóticas, que se frisa na recensão informativo-crítica do publicista György Bálint, escrita alguns meses depois da publicação do livro de poemas de Paulo Rónai.

Os livros de viagens ou os folhetos turísticos mostram só o exotismo, no entanto os poetas informam sobre o essencial. Esse essencial, esse “outro Brasil”, nós o encontramos nesse livro de traduções novo e belo. [...] Todos os poetas são aparentados, afinal; a mesma coisa que causa dor ou alegria aos poetas crioulos, negros, índios e mestiços causa também aos franceses ou húngaros. Suas vozes são afins e universais... (Bálint, 1939, p. 7)

Nessas palavras do jornalista, escritas na véspera da Segunda Guerra Mundial, percebe-se também uma preocupação com os valores da cultura ameaçados. Assim, suas palavras sobre a poesia brasileira têm uma mensagem política para a atualidade de então.³³ Essa mesma posição se reflete num outro texto dele, *Brazíliai regény* (Romance brasileiro),³⁴ escrito depois da leitura, em francês, do *Dom Casmurro* de Machado de Assis, que ele apresenta como romance por excelência, quase instituição nacional. O jornalista que, segundo ele mesmo diz, se familiarizara com o Brasil pela leitura das traduções de Paulo Rónai³⁵ chega à conclusão, um pouco precipitada (e, já sabemos, falsa), de que os brasileiros são gente feliz porque têm preferência pela literatura pura, alheia aos trágicos problemas nacionais, ao contrário do que ocorre, por exemplo, com a literatura húngara. Suas palavras novamente refletem

uma perspectiva universalizante, porque ele sublinha que o maior mérito desse livro é que não é “nada brasileiro”: “Nada tem de exótico, a não ser que os criados sejam negros e um dos amigos do personagem principal sofra de hanseníase.” (Bálint, 1939b, p. 31)

É curioso observar, nos intelectuais que formavam o gosto literário daquela época, a falta de sensibilidade diante do exotismo brasileiro, que se manifestava tão intensamente nas obras de ficção de temática brasileira dos escritores húngaros acima mencionados, ou ao menos diante dos problemas específicos do Brasil, aspectos que tanto marcaram, tempos depois, a visão da geração que travou contato amplo e profundo com as letras latino-americanas, incluindo as brasileiras, por meio dos escritores do *boom*, notadamente Alejo Carpentier, Rómulo Gallegos, Gabriel García Márquez, Juan Rulfo, etc.

Assim, em outra resenha crítica a respeito de *Brazília üzen* (Mensagem do Brasil), publicada na revista literária *Nyugat* (Ocidente), o autor escreve: “não procuremos um exotismo exterior na poesia”. E justifica-se: “além dos poemas de costume, que deixam entrever uma influência francesa, encontramos, neste livro, alguns poemas de pompa estranha e surpreendentes. O estranho não se diz com respeito ao *couleur locale*...” (Nagy, 1939). Os poemas caracteristicamente brasileiros passam quase despercebidos para o crítico.

Como já mencionamos, essa atitude fundada no eurocentrismo e afastada do gosto geral do público leitor, que continuava interessado pelos momentos exóticos do Brasil, também deformou a visão dos intelectuais (e de seu público) de então, que não podiam ou não queriam observar da literatura brasileira senão aquelas obras que “demonstram que o espírito europeu não conhece fronteiras e num tempo futuro, quando já não existir na Europa, povos mais novos e mais felizes irão retomá-lo na América” (Bálint, 1939, p. 31).

Nesses anos aparecem mais duas obras literárias brasileiras: Paulo Rónai publica, em 1940, uma seleção de

³⁶ Budapeste: Officina, 1940.

³⁷ “Egy brazil bérház”. Trad. por Henrik Horváth. In *Népszava* (Budapeste), desde o n. 233, de 1940, até o n. 20, de 1941.

³⁸ Esta edição de 1944 do romance de Azevedo (Budapeste: Anonymus) teve uma pequena edição fac-similada de 30 exemplares: Azevedo, Aluizio. *Hangyaboly*. Budapeste: Íbisz, 2002.

poemas de Ribeiro Couto, com o título de *Santosi Versek* (Poemas de Santos),³⁶ e o jornal *Népszava* publica em folhetins *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, com o título *Egy brazil bérház* (Um prédio brasileiro).³⁷ Depois, em 1944, essa tradução é publicada em forma de livro, com o título *Hangyaboly* (Formigueiro).³⁸

A Segunda Guerra Mundial e o estabelecimento de um novo sistema político na Hungria, a “construção do socialismo”, indicam uma mudança de concepção na recepção e interpretação da literatura em geral e da literatura brasileira em particular. A literatura passa a ser uma arma da luta ideológica. Dessa forma, já não se procuram nela valores universais e eternos, senão uma resposta mais ou menos imediata à realidade circundante. Alteram-se também os horizontes da orientação literária: a literatura do “ocidente culto” (França, Inglaterra, parte ocidental da Alemanha, Estados Unidos, etc.) é considerada arte decadente e o lugar dela, ocupa-o a literatura socialista, em primeiro lugar a da União Soviética, dos países socialistas e a literatura progressista dos países das Américas, África e Ásia.

Nesse novo horizonte cultural-literário, cabe ao Brasil um lugar privilegiado. Sendo, em aparência, mais independente em relação aos Estados Unidos do que os outros países latino-americanos, o Brasil torna-se um alvo privilegiado na luta contra o imperialismo ocidental. Por essa razão, os romances do primeiro período de Jorge Amado são publicados na Hungria e o autor, que circula entre Praga e a União Soviética, torna-se um escritor de presença contínua na imprensa.

Por isso, o tradutor de *Dona Flor e seus dois maridos*, János Benyhe, pode escrever com plena razão, em 1970, no posfácio desse livro: “Dez ou quinze anos atrás talvez fosse supérfluo este posfácio. Jorge Amado foi o escritor estrangeiro mais conhecido e mais popular na Hungria” (Benyhe, 1970, p. 499). Entre 1947 e 1976 saíram quinze livros de Jorge Amado (dois no final dos anos 1940, cinco nos anos 1950, seis nos anos 1960 e três nos anos 1970, não contando as inúmeras reedições).³⁹ Sobre esses livros

foram publicadas 26 resenções críticas.⁴⁰ Mas o que mais demonstra a difusão da imagem de Amado como escritor politicamente comprometido e como “zoon político” é o grande número de escritos sobre a sua pessoa. Entre 1953 e 1975 saíram 16 artigos que diziam respeito a ele, e muitos com títulos altissonantes, como: “Os eminentes soldados da paz: Jorge Amado” ou “Jorge Amado sobre o movimento da paz brasileiro e sobre seu novo romance”.⁴¹

Com a profusão com que os romances de Jorge Amado circulavam na Hungria (com tiragens de 40 a 80 mil exemplares), não é de estranhar que até hoje o Brasil apareça-nos tal como o escritor baiano o pintou. Tanto mais porque Jorge Amado foi o escritor brasileiro cujas obras satisfaziam as expectativas do público leitor com o seu latente erotismo, em especial a partir de *Dona Flor e seus dois maridos*, e a pintura do mundo colorido e exótico da Bahia.

Sobre Jorge Amado, um dos primeiros escritos é uma resenção crítica de *Terras do sem fim*, publicada na revista científico-ideológica do partido comunista, *Társadalmi Szemle* (Revista Social), que estabelece as forçosamente necessárias linhas de interpretação dessa obra – válidas, indiretamente, para os outros romances do mesmo autor:

Jorge Amado, Pablo Neruda e os outros escritores eminentes [...] mostram uma nova cara da América Latina. Não é o exotismo, ou a imagem das selvas sem fim que prevalece em suas obras, mas sim a violenta luta de classes simbolizada pela batalha entre os coroneis do cacau e seus escravos. (-z. -l. 1950, p. 834)

Compreende-se este tom altamente engajado porque se trata de um artigo de teor informativo que saiu numa revista teórica, mas as resenções publicadas nas revistas literárias também incorrem nesse tom politizado em que não há lugar para análises estético-literárias. Na revista literária intitulada *Csillag*, da Associação Húngara de Escritores, um dos historiadores de literatura daquele

³⁹ Oferecemos uma lista completa das edições das obras de Jorge Amado em húngaro (entre parênteses indicamos as edições posteriores): *Terras do sem fim* (Szenvedélyek földje). Trad. Attila Orbók. Budapeste: Káldor, 1947 (uma segunda edição com o título húngaro Végtelen földek. Trad. Emil Hartai. Budapeste: Szikra, 1950); *Cacau* (Arany gyümölcsök földje). Trad. Emil Hartai. Budapeste: Szikra, 1949 (segunda edição: Európa, 1975); *Vida de Luís Carlos Prestes, o cavaleiro da esperança* (A reménység lovagja. Életrajzi regény Luis Carlos Prestesről). Trad. Emil Hartai. Budapeste: Révai, 1950; *Seara vermelha* (Vörös vetés). Trad. Marcell Benedek. Budapeste: Szépirodalmi, 1951; *Jubiabá* (Zsubiabá). Trad. János Benyhe. Budapeste: Szépirodalmi, 1952; *Mar Morto* (Holt tenger). Trad. Sándor Tavaszy. Budapeste: Kossuth, 1960; (segunda edição: idem, 1961, terceira edição: idem, 1973); *A morte e a morte de Quincas Berro Dagua* (Vízordító három halála). Trad. Lajos Boglár. Budapeste: Európa, 1961; *Gabriela, cravo e canela* (Gabriela, szegfű és fahéj). Trad. Sándor Szalay. Budapeste: Európa, 1961 (segunda edição: idem, 1975); *A completa verdade sobre as discutidas aventuras do Comandante Vasco Moscoso de Aragão, Capitão de Longo Curso* (A vén tengerész). Trad. Sándor Szalay. Budapeste: Európa, 1963; *Os pastôres da noite* (Az éjszaka pásztorai). Trad. János Benyhe. Budapeste: Kossuth, 1967; *Dona Flor e seus dois*

maridos (Flor asszony két férje). Trad. János Benyhe. Budapeste: Európa, 1970; *Capitães da areia* (A kikötő rémei). Trad. Sándor Tavaszy. Budapeste: Kosmosz Könyvek, 1971; *Tenda dos Milagres* (Csodabazár). Trad. András Gulyás. Budapeste: Európa, 1976.

⁴⁰ Queremos notar como curiosidade que do romance *A completa verdade sobre as discutidas aventuras do Comandante Vasco Moscoso Aragão, Capitão de Longo Curso*, intitulado em húngaro *A vén tengerész* (“O velho marinheiro”), saído em 1963, escreveram-se entre maio e outubro daquele ano seis recensões informativas nos mais diversos órgãos de imprensa.

⁴¹ “A béke kiváló harcosai: Amado Jorge”. *Népszava* (Budapeste), 30 maio 1953. “Jorge Amado a brazil békemozgalomról és új regényéről”. *Szabad Nép* (Budapeste), 18 dez. 1953.

⁴² *Nagyvilág* (Budapeste). Ano IV, n. 8, p. 1173-1174, ago. 1959.

período assim descreveu os fundamentos de “A terra de frutos de ouro”:

O romance de Amado é um escrito combativo, comunista. Seus heróis verdadeiros são o povo e o homem de novo qui-late, saído do povo e lutando contra os horrores do mundo imperialista: o homem comunista. [...]

A apresentação dessa podridão não desce ao naturalismo, é o reflexo verídico desta sociedade que requer amostras fidelíssimas da macabra dança do capitalismo. (Koczkás, 1950, p. 61)

Essa imagem estreita, unilateral, subordinada a fins eminentemente políticos é a que se apresenta quando, a pretexto dos romances de Jorge Amado, fala-se sobre o Brasil. Algumas vezes o discurso ganha tons de hino, como na recensão sobre *Seara vermelha*, que saiu num semanário de literatura, *Irodalmi Újság* (“Jornal Literário”), em 1951: “*Seara vermelha* mostra o Brasil levantando-se”, pois “até aos operários miseráveis chegou a esperança que estimula a viver: a esperança da nova vida, do socialismo” (L. I. 1951)

Ao final da década de 1950, essa imagem deformada do Brasil e de sua literatura começa a se matizar com diferentes tons. Além de Jorge Amado, vêm aparecendo outros escritores e, entre eles, alguns cuja obra tem outros valores, não apenas políticos. Assim saíram dois poemas de Jorge de Lima na revista de literatura mundial, *Nagyvilág* (fundada na época do “abrandamento” do poder totalitário).⁴² E nas notas de viagens de um literato húngaro que em 1961 publicou as suas *Impressões do Brasil*, depois de assistir ao congresso do PEN Clube no Rio de Janeiro, já se encontra um tom mais equilibrado. Para ele, a obra de Jorge Amado é uma fonte de informação antes sensorial que exclusivamente politizada sobre “esse peculiar mundo popular, de cuja beleza e intimidade gostei tanto quanto da sua rica fantasia e das suas múltiplas cores decorativas.” (Sóter, 1961, p. 729)

Em suas andanças pelo mundo brasileiro, o guia desse literato húngaro é a monografia intitulada *Geografia da fome*, de Josué de Castro. Mas Sőtér tem bastante sensibilidade para ver e descobrir um Brasil excêntrico, multifacetado, de componentes culturais e étnicos múltiplos e amalgamados, entre eles a música popular brasileira e a sua melancólica melodia, ou o carnaval e seu simbolismo popular, que Sőtér interpreta sob a influência do filme *Orfeu negro*, do diretor francês Marcel Camus. Finalmente, o viajante atreve-se a dizer aos húngaros que o Brasil não deve ser entrevisto como um mero panorama ou cenário de fundo político, e que aos intelectuais compete a tarefa e a responsabilidade de formar a consciência do grande público.

Com essa relativa abertura nos pontos de vista que começava a prevalecer lentamente a partir do início dos anos 1960 na política cultural e literária húngaras, começa a diversificar-se a edição de livros e enriquecer-se a divulgação da literatura brasileira. O autor mais divulgado ainda é Jorge Amado, mas em harmonia com a renovada temática da sua obra aparecem, também em húngaro, os romances mais divertidos dele, que cativam o público.

O público requer já cada vez mais abertamente uma recepção cultural mais sofisticada e diversificada. Após os anos da ditadura forte e o total encerramento do país, motivado pela Guerra Fria, surge uma exigência por bens culturais anteriormente vedados, exigência que se vê satisfeita, mesmo que um pouco contraditoriamente. Essa nova forma de recepção do Brasil fora previamente preparada por livros publicados a partir dos últimos anos da década de 1950: *As imagens do Rio*, de Richard Katz,⁴³ *O inferno verde*, de Erich Wustmann.⁴⁴

Sob outro prisma, obras como *Trópusi Indiánok között. Brazíliai útijegyzetek* (Entre índios do trópico. Notas de viagem do Brasil), do etnólogo húngaro Lajos Boglár, apresentam o Brasil dos trópicos, da selva e dos índios, estimulando, assim, o interesse por outros aspectos desse país, sublinhados aqueles que o distinguem da Europa. Será essa

⁴³ *Ríói Képek*. Budapeste: Táncsics, 1958.

⁴⁴ *A zöld pokol*. Budapeste: Táncsics, 1959.

busca do diferente, do exótico que marcará e determinará o interesse pelo Brasil nos anos subseqüentes.

Entretanto, publicam-se obras de autores comprometidos, como as de Jorge Amado, já mencionadas: *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus,⁴⁵ *O ciclo do caranguejo*, de Josué de Castro,⁴⁶ *São Bernardo e Vidas secas*, de Graciliano Ramos,⁴⁷ e ao lado deles saem romances como *O resto é silêncio*, de Érico Veríssimo⁴⁸ e *O Guarani*, de José de Alencar, embora este seja transposto para o húngaro em versão condensada, em uma edição para jovens.⁴⁹

Por outro lado, e de forma menos manifesta, aparecem obras das mais diversas naturezas, mormente direcionadas aos intelectuais. Essa forma de publicação “velada”, um pouco contrária à política cultural oficial, caracteriza em primeiro lugar a revista de literatura mundial *Nagyvilág* e algumas antologias de poesia e de prosa. Destinadas a um público seletivo, surgem nessas publicações, de forma esporádica, muitos autores de valor da literatura brasileira.

Publicações como *Dél keresztye* (Cruzeiro do Sul, 1957), *Kígyóölő ének* (Canto de matar cobras, 1973), *Hesperidák kertje* (Jardim das Hespérides, 1971), *Járom és csillag* (Jugo e estrela, 1984) divulgam a poesia latino-americana. Os poemas são acompanhados de notas biográficas e bibliográficas; dessa forma, em torno de 40 grandes poetas brasileiros são publicados na Hungria. Essas antologias seguem o princípio da antologia de Paulo Rónai, ou seja, selecionam os poemas apenas pelo seu valor poético e estético e não demonstram o menor interesse em ilustrar o desenvolvimento da história literária brasileira. Fazem falta, por exemplo, poemas que caracterizem os primeiros anos do Modernismo, ou do Concretismo e de outras tendências experimentalistas.

Nesse mesmo contexto, publicaram-se contos de Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa e Jorge Amado em antologias de prosa latino-americana: *Ördögszakadék* (Abismo de diabo, 1966), *Dél-amerikai elbeszélők* (Narradores latino-americanos, 1970), *Az üldöző* (O perseguidor, novelas latino-americanas, 1972).

⁴⁵ *Aki átment a szivárvány alatt*. Budapeste: Kossuth, 1964.

⁴⁶ *Emberék és rákok*. Budapeste: Kossuth, 1968.

⁴⁷ *Emberfarkas*. Budapeste: Európa, 1962. *Aszály*. Budapeste: Európa, 1967.

⁴⁸ *A többi néma csend*. Budapeste: Európa, 1967.

⁴⁹ *Máglyák az őserdőben*. Budapeste: Móra, 1970.

Um dos grandes méritos da revista de literatura mundial *Nagyvilág* é a apresentação de autores e obras, de tendências e fenômenos literários, com base em critérios puramente poéticos ou estéticos. Em 1961, a revista traz informações sobre as atividades de Paulo Rónai no Brasil, frisando a importância do seu trabalho no conhecimento mútuo entre o Brasil e a Hungria (Gyergyai, 1961, p. 1566-1567). É em aquelas páginas que, em 1962, aparece um estudo sobre o romance brasileiro contemporâneo (Tavaszy, 1962, p. 1388-1391), assim como, em 1969, um ensaio sobre o desenvolvimento da literatura latino-americana (Benyhe, 1969, p. 1723-1731). Mencionamos também certas resenhas sobre os livros de Jorge Amado, sobre romances como *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, e *Irmão Juazeiro*, de Francisco Julião.

O texto de recepção mais característico dessa época é o necrológico de Guimarães Rosa que *Nagyvilág* publicou em 1968. Nele se fala na “síntese dos mágicos elementos primitivos de mundos diferentes”, em “mitos de valor universal de conteúdo filosófico” (Rónai, 1968, p. 338-339) e a linguagem engenhosa e estranha que o escritor compilou para si e que se parece muito com a linguagem de James Joyce. Tal análise da obra de Guimarães Rosa só se tornou possível graças à mudança de tom que marcou a imprensa política, única e oficial na Hungria de então. Assim, na recensão informativa que a revista teórica *Társadalmi Szemle* publicou sobre *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (Szöllősy, 1967, p. 137), já se comenta a “exatidão sociológica” ao lado dos valores estéticos da obra, numa análise mais flexível e sutil do que se fazia nos anos precedentes.

A partir de meados dos anos 1970, sob a influência do *boom* da literatura latino-americana em espanhol, relega-se para o segundo plano a literatura brasileira, e em especial a literatura chamada progressista. Na realidade, diminuiu o interesse do público pelas obras brasileiras que tratavam de uma forma direta os problemas políticos e sociais. O exotismo dos autores do realismo mágico, a forte carga intelectual dos pós-modernos como Julio Cortázar e Jorge

Luis Borges, e a urdidura complexa dos romances políticos de autores peruanos ou mexicanos, tudo isso atrai mais o interesse dos leitores húngaros. Só obras de Jorge Amado, tais como *Dona Flor e seus dois maridos* ou *Gabriela cravo e canela*, continuam cativando novas e novas gerações de leitores.

Novos aspectos da presença literária brasileira na cena húngara

Entretanto, surge, enquanto isso, uma nova geração de divulgadores das letras brasileiras, marcados por um gosto literário renovado e pelo objetivo de revelar aos leitores húngaros os traços característicos e essenciais da literatura brasileira.

Assim, entre 1983 e 1986, a Rádio Nacional Húngara realizou uma série de emissões, de meia hora cada uma, com o título *Latin Amerika Irodalma* (Literatura da América Latina). Essa série apresentou uma visão panorâmica das literaturas do século XX naquele continente, com os fenômenos novos e característicos da literatura brasileira: o Pré-modernismo e o Modernismo, a poesia concreta, a moderna prosa experimental e a da grande urbe, fazendo conhecer ao público nomes que nunca haviam sido mencionados antes, como Oswald de Andrade, Haroldo de Campos, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan e Ignácio de Loyola Brandão, que com sua obra despertaram o interesse da elite intelectual.

Nessa época, transcorreu uma significativa etapa do processo de divulgação da literatura brasileira na Hungria: a publicação do *Macunaíma*, de Mário de Andrade. A tradução dessa obra conheceu um verdadeiro êxito editorial, pois em poucos meses esgotou-se uma tiragem de dez mil exemplares. O público, ávido do exotismo – até então condenado –, devorava o livro, que foi apresentado como um grande acontecimento cultural tanto pelos programas culturais de rádio e tevê quanto pelas resenhas críticas.⁵⁰ Nessa perspectiva, em resenha cujo título menciona a cé-

⁵⁰ Szalontai, 1984. Bodor, 1984. Csertői, 1984.

lebre epopeia finlandesa e que qualifica *Macunaíma* como “Kalevala artificial da zona tórrida”, o crítico Pál Bodor frisa com entusiasmo a mistura feliz de elementos intelectuais e populares, a força primitiva da obra comentada:

Macunaíma é consequência da capitalização latino-americana irregular e tormentosa, da americanização que abraça aplastando a versatilidade étnica (lingüística, folclórica e etnográfica) de múltiplas cores e raízes e dos excessos intelectuais amotinados e revoltosos (Bodor, 1984).

A edição de *Nove, novena*, de Osman Lins,⁵¹ revela certa perplexidade provocada por este câmbio de paradigma no gosto dos divulgadores. O autor do posfácio, ilustre estudioso e tradutor, evoca, um tanto indeciso, a obra nordestina de Jorge Amado, a ambientação sulista de Verissimo e as fortes cores mineiras de Guimarães Rosa, lamentando que “os enérgicos elementos linguísticos deste último faltem na obra de Osman Lins” (Benyhe, 1985, p. 211). Aqui aparece novamente, como referência, o elemento exótico, representado, neste caso, por Jorge Amado e Guimarães Rosa.

Essas palavras do literato e tradutor János Benyhe novamente aludem às contradições da “oferta e da procura” da literatura brasileira na Hungria. Num debate transmitido pela rádio, um representante da velha estirpe pôs em confronto com a literatura de fortes cores brasileiras uma literatura classicizante, pastoril, que se cultivava nos recantos ocultos do Brasil e que conserva valores eternos, segundo ele. Tal princípio distintivo, que se mantém quase intacto desde a antologia de 1939, *Mensagem do Brasil*, predomina igualmente numa antologia de 1984,⁵² a maior antologia húngara da poesia latino-americana publicada até os dias de hoje. O que surpreende é que a lista dos poetas modernos é quase igual à da seleção de meio século atrás (apenas Ascenso Ferreira, Raúl Bopp e Vinícius de Moraes são os nomes novos) e assim mesmo há muitas coincidências na escolha dos poemas.

⁵¹ *Kilenc és kilenced*. Trad. Judit Xantus. Budapeste: Európa, 1985.

⁵² *Járom és csillag* (Jugo e estrela), seleção, prefácio e notas por János Benyhe. Budapeste: Kozmosz, 1984. Na antologia aparecem poemas de Mário de Andrade, Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Olavo Bilac, Raul Bopp, Geir Campos, Ronald de Carvalho, Vicente de Carvalho, Francisco Antônio de Carvalho Júnior, Antônio de Castro Alves, Raimundo Correia, Bernardino da Costa Lopes, João da Cruz e Sousa, Luís Delfino, Teófilo Dias, Carlos Drummond de Andrade, Ascenso Ferreira, Antônio Cândido Gonçalves Crespo, Alphonsus de Guimaraens, Sebastião Cínero dos Guimarães Passos, Luís José Junqueira Freire, Jorge de Lima, Joaquim Maria Machado de Assis, Gregório de Matos, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Alberto de Oliveira, Rui Ribeiro Couto, Augusto Frederico Schmidt.

⁵³ *Boszorkányszombat* (Mistério de sábado), sel. e notas de Paulo Rónai. Trad. István Bárczy, Éva Faragó, Ferenc Pál, Paulo Rónai, Eszter S. Tóth, Ervin Székely. Budapeste: Európa, 1986. Na antologia se encontram contos de Machado de Assis: *Pai contra mãe*; Lima Barreto: *O homem que sabia javanês*; Monteiro Lobato: *O comprador de fazendas*; Mário de Andrade: *O peru de Natal*; Aníbal M. de Machado: *O ascensorista*; Rui Ribeiro Couto: *Mistério de sábado*; João Alphonsus de Guimaraens: *Eis a noite!*; Alcântara Machado: *As cinco panelas de ouro*; Luís Jardim: *Paisagem perdida*; Carlos Drummond de Andrade: *Beira-rio*; Orígenes Lessa: *Roteiro de Fortaleza*; Marques Rebelo: *Caprichoso da Tijuca*; João Guimarães Rosa: *A terceira margem do rio*; Aurélio Buarque de Holanda: *O chapéu de meu pai*; Rachel de Queirós: *A donzela e a moura torta*; Lygia Fagundes Telles: *Venha ver o pôr do sol*; Oto Lara Resende: *O retrato na gaveta*; Clarice Lispector: *Feliz aniversário*.

⁵⁴ *Isaura, a rabszolgalány*. Trad. István Bárczy. Budapeste: Európa, 1987.

⁵⁵ *Zero*. Trad. Ferenc Pál. Budapeste: Európa, 1990.

Outro livro dessa natureza, situando-se entre o passado e o presente, foi a antologia *Boszorkányszombat*, de 1986, uma coletânea de contos⁵³ que reunia desde *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, até *Feliz aniversário*, de Clarice Lispector. A seleção criteriosa, acompanhada de notas bibliográficas, foi recebida com entusiasmo da parte dos críticos, talvez porque saísse ao mesmo tempo em que a edição em húngaro de *A escrava Isaura*,⁵⁴ quer dizer, no auge do interesse do público pelo Brasil, suscitado pela telenovela feita com base no romance de Bernardo Guimarães.

Ao se reler a resenha dessas duas obras, vale a pena meditar sobre a seguinte asserção: “A maioria dos contos mostra gente lutando com seu fado, gente que quase nunca triunfa, num mundo de senzalas e casas grandes, *um país de tempo estancado, estagnado em cerimônias*.” (*Magyar Hírlap*, 1987, p. 5). O grifado é nosso, porque novamente se faz referência à imagem de um país exótico, ou seja, a imagem do Brasil tal como vive no (sub)consciente das pessoas na Hungria. Com essa atitude pode-se explicar, talvez, o curioso e célebre episódio em que telespectadores húngaros de *A escrava Isaura*, anciãos de um pequeno vilarejo do interior do país, reuniram uma importante soma a fim de remir da escravatura aquela bela e talentosa jovem, inventada por Bernardo Guimarães havia mais de um século.

A partir do final da década de 1980 mudaram, no entanto, os hábitos de leitura e o gosto do público húngaro, e as séries televisivas ocuparam lentamente o lugar dos livros e da leitura. O grande público, outrora leitor ávido dos romances de Jorge Amado, afastou-se da literatura de valor, e passou a ler obras de Paulo Coelho, que atualmente é o autor brasileiro mais popular (e quase exclusivo) na Hungria. Nestas últimas duas décadas, com a liberalização da edição e do mercado de livro, houve possibilidade de publicar autores mais sofisticados. Dessa forma, saiu em 1990 o *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão,⁵⁵ que a crítica recebeu como fonte de informação privilegiada a respeito de um mundo caoticamente moderno (*apud* Wirth, 1991,

p. 11). Mais tarde saíram obras de outros escritores que descreviam a vida de grandes centros urbanos, como contos de Dalton Trevisan e de Rubem Fonseca, em revistas literárias.

Com a mudança do gosto literário, os foros mais exigentes da literatura, como a revista *Nagyvilág*, passaram a conceder mais espaço à atual literatura brasileira.⁵⁶ Nesse sentido, foram traduzidos para um seletíssimo público-leitor poemas de dois representantes da poesia concreta, Haroldo de Campos e Décio Pignatari.⁵⁷ Esses livros de poemas obtiveram, de um conhecido poeta experimental, Endre Szkárosi, um parecer crítico, no qual ficou consignado o reconhecimento da independência criativa dos autores desse país dos trópicos:

A formação da [...] poesia concreta no início dos anos cinqüenta não é o primeiro exemplo de que nas circunstâncias da zona cultural euro-americana criam-se uma nova linguagem e uma expressão autêntica que correspondem às demandas intelectuais desta região (Szkárosi, 1999, p. 14).

Para além do material poético, a importância dessas duas antologias reside na demonstração de que a literatura brasileira tornou-se independente, e se pode dizer que seus motivos regionalistas já se manifestam sob forma universalizante.

No presente momento, uma antologia bilíngue, publicada por iniciativa da Embaixada do Brasil e com o apoio do Ministério das Relações Exteriores, representa na Hungria a literatura brasileira. *A modern brazil elbeszélés – Antologia do moderno conto brasileiro*, selecionada pelo embaixador José A. Lindgren Alves, com introdução e apresentações dos autores pelo diplomata, é um bom manual para conhecer a prosa brasileira do século XX, segundo afirma um dos críticos do livro (Urfi, 2008). Na antologia figuram contos de dezessete autores,⁵⁸ dos quais as resenhas destacam Autran Dourado, Rubem Fonseca, e muito especialmente Guimarães Rosa, com o conto *Duelo*, pois

⁵⁶ Esta revista publicou, no seu número de abril de 1991 (ano XXXVI, n. 4), o conto “Bolívar”, de Victor Giudice. No número de agosto de 1992 (ano XXXVII, n. 8), publicaram-se dois contos de Dalton Trevisan.

⁵⁷ Haroldo de Campos: *Konkrét versek* (Poemas concretos). Trad. András Petőcz e Ferenc Pál. Seleção, prefácio e notas de Ferenc Pál. Budapeste: Íbisz, 1997. Décio Pignatari: *Vers-gyakorlatok* (Exercícios de poesia). Trad. András Petőcz e Ferenc Pál. Seleção, prefácio e notas de Ferenc Pál. Budapeste: Íbisz, 1997.

⁵⁸ De Antônio de Alcântara Machado, Rachel de Queiroz, Guimarães Rosa, Antônio Fraga, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Autran Dourado, Lígia Fagundes Telles, Ingácio de Loyola Brandão, Márcio Souza, Rubem Fonseca, Adélia Prado, Raduan Nassar, Moacyr Scliar, Dalton Trevisan, Márcia Denser.

este é o único conto em que aparece o elemento exótico (*apud* Galamb, 2008). Isso distingue o conto de Rosa dos demais textos, que correspondem aos cânones universais, tanto nos temas elaborados como nos recursos artísticos de que lançam mão.

Havemos de mencionar, além de Paulo Coelho, cujas obras inundam as livrarias, o nome de Chico Buarque de Holanda, que, com o romance *Budapeste*,⁵⁹ também está disponível nas estantes. Contudo, neste caso o fato de o escritor/cantor ter escrito um romance cuja ação decorre em parte em Budapeste é muito mais importante para os leitores húngaros do que os valores estéticos do livro.

Resumindo, podemos dizer que neste momento a literatura brasileira está relativamente bem representada na Hungria, existem enciclopédias, antologias de poesia e de contos que informam detalhadamente sobre autores, tendências literárias, e assim podem informar e orientar os interessados. Contudo, falta um vivo contato com as letras brasileiras – as primeiras obras literárias apareceram relativamente tarde e só raras vezes corresponderam às expectativas do público, que formou uma imagem do Brasil a partir das informações obtidas dos livros de viagens, da imprensa e da mídia, e tacitamente sempre esperou que a literatura correspondesse a esses estereótipos decorrentes de “preconceitos” devidos a circunstâncias históricas diversas. Esse fato explica o êxito das obras de Jorge Amado e o êxito isolado de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e de certa forma a dificuldade da divulgação de autores modernos cuja obra se afasta de uma imagem tradicional do Brasil.

Referências

A Pallas Nagy Lexikona, 1-18. Budapeste: Pallas, 1893-1900.

Az üldöző. Budapeste: Európa, 1972.

BALINT, György. Brazília üzen. *Magyarország*, Budapeste, n. 225, p. 7, 1939a.

⁵⁹ Budapeste. Trad. Ferenc Pál. Budapeste: Atheneum, 2000, 2005.

_____. Brazíliai regény. *Pesti Napló*, Budapest, n. 172, p. 31, 1939b.

BENYHE, János. Latin-amerikai számvetés. *Nagyvilág*, Budapest, ano XIV, n. 11, p. 1723-1731, 1969.

_____. Utószó. *Flor asszony két férje*. Budapest: Európa Könyvkiadó, 1970. p. 499.

_____. Utószó. *Kilenc és kilenced*. Budapest: Európa, 1985. p. 211-217.

BODOR, Pál. Forróégövi mű-Kalevala (Mário de Andrade Makunaíma-fordításáról). *Élet és Irodalom*, 1984.

BOGLÁR, Lajos. *Trópusi indiánok között*. Brazíliai útjegyzetek. Budapest: Gondolat, 1966.

_____. *Magyar Világ Brazíliában*. Budapest: Szimbiozis, 1997.

CSERTŐI, Oszkár. Makunaíma (Mário de Andrade regénye). *Új Tükör*, 1984.

Dél keresztje. Budapest: Európa, 1957.

GYERGYAI, Albert. Magyarok külföldön. *Nagyvilág*, Budapest, ano VI, n. 10, p. 1566-1567, 1961.

Hesperidák kertje. Budapest: Európa, 1971.

Járom és csillag. Budapest: Kozmosz, 1984.

JÓKAI, Mór. *Összes művei*. Cd-rom. Budapest: Arcanum, s/d.

Kígyóölő ének. Budapest: Kozmosz, 1973.

KOCZKÁS, Sándor. Arany gyümölcsök földje. *Csillag*, Budapest, n. 27, p. 61, 1950.

Latin-amerikai elbeszélők. Budapest: Európa, 1970

L. I. Vörös vetés. *Irodalmi Újság*, Budapest, ano II, n. 18, 1951.

NAGY, Zoltán. Brazília üzen. Mai brazil költők – Rónai Pál fordításai. *Nyugat*, Budapest, n. 12, 1939. Seção Figyelő. CD-rom. *Nyugat. 1908-1941. Egy irodalmi legenda – digitálisan*.

NN. Izgalmas üzenet, Boszorkányszombat, brazil elbeszélők – Isaura után. *Magyar Hírlap*, Budapest, ano 20, n. 110, p. 5, 1987.

Nyugat, 1908-1941. Egy irodalmi legenda – digitálisan. CD-rom. Budapest: Arcanum, s/d.

Ördögszakadék. Budapest: Kossuth, 1966.

PÁL, Ferenc. *Makunaíma*. Trad. e posfácio. Budapeste: Magvető, 1983.

_____. As modificações da imagem do Brasil na Hungria. *Letras de Hoje – Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul* (Porto Alegre), n. 105, p. 19-33, 1996.

_____. Brasil e Hungria ao transcorrer dos séculos: escambos materiais, espirituais e culturais. In: PÁL, Ferenc; MARINHO, Marcelo. *Cartas vincadas, letras no espelho*. Campo Grande: Letra Livre, 2004a. p. 11-37.

_____. Literatura brasileira na Hungria e literatura húngara no Brasil: recepção mútua e fortunas críticas. In: PÁL, Ferenc; MARINHO, Marcelo. *Cartas vincadas, letras no espelho*. Campo Grande: Letra Livre, 2004b. p. 121-150.

PÁL, Ferenc. Traducteurs, éditeurs et lecteurs: moments objectifs et subjectifs de la présence des lettres portugaises en Hongrie. *L'Édition d'Auteurs Portugais à l'Étranger*. Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, v. XLVII. Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Lisboa- Paris, 2004c. p. 161-171.

RAMIREZ, Ezekiel Stanley. As relações entre a Áustria e o Brasil, 1815-1889. *Tabelas I-II*. São Paulo, 1968. p. 243-244.

Révai Nagy Lexikona, 1-19. Budapeste: Révai, 1911-1926.

RÓNAI, Pál (Sel.). *Brazília üzen*. Budapeste: Vajda János Társaság, 1939.

_____. João Guimarães Rosa. *Nagyvilág*, Budapeste, ano XIII, n. 3, p. 338-339, 1968.

SÓTÉR, István. Brazil impresszió. *Új Írás*, Budapeste, ano I, n. 8, p. 729-735, 1961.

SZALONTAI, Mihály. *Makunaíma* (Mário de Andrade könyve). *Magyar Nemzet*, Budapeste, 1984.

SZÉKÁCS, Vera; PÁL, Ferenc. *Latin-amerika Irodalma*, 1-25. *Magyar Rádió* (Budapeste). De março de 1983 a abril de 1986.

SZKÁROSI, Endre. A nyelv végének barlangrajzai. *Élet és Irodalom*, Budapeste, p. 14, 1999.

SZÓLLÓSY, Tibor. Graciliano Ramos: Aszály. *Társadalmi Szemle*, Budapeste, ano XXII, p. 137, 1967.

TAVASZY, Sándor. A mai brazil regény. *Nagyvilág*, Budapeste, ano VII, n. 9, p. 1388-1391, 1962.

Vasárnapi Újság. 1854-1860. CD-rom. Budapeste: Arcanum, s/d.

Vasárnapi Újság. Digitalizado. Disponível em: <<http://www.epa.oszk.hu/00000/00030/01864/pdf/>>. Acesso em: 12 jul. 2009.

Világirodalmi Lexikon, 1-18. Budapeste: Akadémiai, 1970-1996.

WIRTH, Imre. Ignácio de Loyola Brandão – Zero. *Élet és Irodalom*, Budapeste, p. 11, 1991.

-z. -l. Végtelen földek. *Társadalmi Szemle*, Budapeste, n. 10, p. 834, 1950.

ZRÍNYI, Miklós. *Ne bántsá a magyart. Az török ópium ellen való orvosság* (“Não maltrates o húngaro. Remédio contra o ópio turco”). 1661. Disponível em: <<http://mek.oszk.hu/06100/06115/html/gmzrinyi0002.html>>. Acesso em: 18 jul. 2009.